

NÃO TE ESQUEÇAS DE MIM

(Um original em 3 atos, de Eric Gramer) Um programa de Roberto Lis

Olavo - (Característica musical forte)

SPEAKER: - (ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM...) (Sobre a característica)

LOCUTOR - O Rádio Farroupilha apresenta hoje o original em 3 atos de Eric Gramer:

ROBERTO - NÃO TE ESQUEÇAS DE MIM!... (Sobre outra vez, a característica)

Contra - Sobre a desca a característica, permanecendo em B.G.

SPEAKER: - Um romance que Roberto escreveu para a sensibilidade dos seus ouvintes e que a Rádio Difusora apresenta, na sequência dos seus programas dominicais, como uma oferta de...

Locutor: - "Não te esqueças de mim" é a história de dois destinos que tem como cenário inicial um desses muitos Educandários que o espírito de solidariedade humana fez erigir em qualquer ponto onde a nossa imaginação se fixar.

*É uma história que*

Ela nos conta a trama amorosa de duas vidas entre as quais a distância se interpõe, deixando apenas a promessa que era a esperança, de voltarem a se encontrar um dia de algum dia reunirem-se outra vez.

ROBERTO: - Inda que nos separem muitos anos, <sup>algum dia eterno</sup> um dia nos veremos perto, assim, embora que te firam desenganos, <sup>firam - R, embora, muitos</sup> "não te esqueças de mim!".

Lilia M. - Jamais te esquecerei, estejas certo - e lembrar-te será meu grande bem. Peço-te agora: estejas longe ou perto, não me esqueças também!...

Locutor - "NÃO TE ESQUEÇAS DE MIM" obedece à seguinte distribuição:

- Uma voz..... Olavo Engel
- D. Gertrudes Eufrosina dos Prazeres..... Edna Castro
- O Educando Jorge..... Roberto Lis
- A Educanda Leonor..... Lilia Maria
- O Professor Pompilio..... Claudio Real
- D. Flora Cibila Vitemberg..... Alice Aveiro
- Um viajante..... Raymundo Grey
- D. Helena Maria de Alboim..... Nina Rosa
- Walter Alboim..... Olavo Engel
- Um chauffeur..... Emilio Belo
- Eduardo Alboim..... Pitágoras

- Encarregado do Estúdio..... Emilio Belo
- Sonofonia de..... Thiago Laranjeira

(Característica musical forte, baixando depois aos poucos)

Uma voz - (Tom de discurso) Minhas senhoras e meus senhores. O dia de hoje é de grande júbilo para o Educandário dos Desamparados. Ele assinala cincoenta longos anos de inestimáveis serviços prestados à santa causa da humanidade pela professora D. Gertrudes Eufrosina dos Prazeres. (Palmas) D. Gertrudes Eufrosina é a mais antiga das professoras desta Casa. Dedicou a sua mocidade inteira à prática do bem daqueles que aqui aportaram em busca de conhecimentos e capacidade para enfrentar as asperezas de uma vida que de início se lhes apresentava adversa e na qual estavam fadados a naufragar. Sua mão de mestra infatigável e dedicada apontou o verdadeiro caminho a milhares de jovens que aqui chegaram trêmulos e medrosos e que daqui partiram de cabeça levantada, alma fortalecida e coração repleto de esperanças. E a maior parte deles venceu e abençoa hoje o cérebro que os iluminou e a mão que lhes apontou o verdadeiro caminho. Pelo muito que é e pelo muito que fez D. Gertrudes Eufrosina dos Prazeres, a direção suprema desta casa não poderia deixar passar despercebido o dia de hoje. Assim resolveu que fôsse a data escolhida para deixarem este Educandário a nova turma já preparada para enfrentar a luta pela vida. E resolveu mais: conceder a Dona Gertrudes Eufrosina dos Prazeres o bastão de Diretora desta Casa em reconhecimento aos seus muitos e inestimáveis serviços. (Longa salva de palmas)



Gertrudes - (depois de serenadas as palmas) Exmo. Snr. Diretor da Congregação Regente do Educandário dos Desamparados; exmos senhores membros da mesma congregação; senhores professores e educandos; minhas senhoras e meus senhores. (Pausa) Com a voz embargada pela comoção, o peito arfando de contentamento e os olhos embaciados pelo pranto, faço chegar aos vossos ouvidos a debilidade da minha voz para dizer-vos, sem flôres de retórica mas com palavras repassadas de sinceridade, toda a minha gratidão pela honra que me acaba de ser concedida conferindo-me o bastão de diretora desta casa e pela homenagem que me prestais escolhendo este dia para desligamento dos novos educandos que nesta casa receberam os ensinamentos que lhes ha de proporcionar um mundo melhor. Para uma creatura que empregou todo o seu esforço, que deu toda a sua energia e dispensou o melhor do seu carinho a uma instituição de tão nóbres ideais, premio maior e homenagem mais reconfortante não lhe poderiam ser oferecidos. A Congregação do Educandário dos Desamparados, agradeço, profundamente comovida, a honra que se dignou de me conceder, prometendo, com o testemunho do céu azul que nos cúbre, dar o que ainda me resta de energia, de boa vontade e de esforço no sentido de melhor servir esta casa e elevar cada vez mais o seu nome no conceito da sociedade. Aos educandos cuja saída no dia de hoje constitui tambem uma homenagem á minha humilde personalidade, deixo aqui os meus votos, os melhores que posso formular, para que sejam felizes nos mistéres e afazeres que a partir de amanhã irão desempenhar. E finalmente, elevando a Deus meu pensamento, peço-lhe que, na sua infinita misericórdia, permita ~~sempre~~ que as duas folhas da porta desta Casa possam ser sempre como dois braços abertos, aconchegando carinhosamente todos aqueles que a ela acorrerem em busca de amparo e proteção. Disse. (Uma longa salva de palmas)

Uma voz - Dona Gertrudes, permita-me que lhe dê um abraço.

Gertrudes - Muito obrigada, senhor Diretor. Muito obrigada. Tenho medo que não caiba num coração tão pequeno uma alegria tão grande.

Uma voz - O coração é grande, dona Gertrudes, muito grande. Todos sabem disto.

Outra voz - Parabens, dona Gertrudes. Meus sinceros parabens!

Gertrudes - Oh doutor, muito obrigada! Muito obrigada! (Psius) Ah, o professor Pompilio vai falar.

Pompilio - (posposo) Minhas senhoras e meus senhores: eu peço a palavra. (Pausa) Lido na fisionomia de cada um de vós como que uma pergunta admirada: "O que? O velho Pompilio vai falar?" E eu vos responderei com as mesmas palavras: "O velho Pompilio vai falar". Compreendo a admiração que a minha atitude esteja causando em todos vós. Nunca vistes o velho Pompilio - o ranzinza, como sei que lhe chamais, elevar a sua voz em uma só das muitas sessões que esta casa tem realizado, em todos estes longos anos que ele aqui se encontra. E eu explico: é que fui sempre avesso a qualquer manifestação de caráter público ou mesmo particular. Fugiria eu, entretanto, a um sagrado dever de justiça se calasse ante as manifestações e as homenagens que se prestam hoje nesta casa á Senhora dona Gertrudes Eufrosina dos Prazeres. Sendo tambem um dos mais antigos e dos mais velhos professores desta casa, sou, por conseguinte, uma das mais vivas testemunhas do que ela tem feito e do que merece. É por isto que considero justissima a distinção que acaba de lhe ser conferida, congratulando-me, por isto mesmo, com a homenagem e com a merecidissima Congregação. É já que é quebrado o silencio que eu estabeleci como norma dentro desta casa, aproveito tambem a oportunidade para dizer o meu adeus áqueles que hoje se retiram do Educandário dos Desamparados, formulando-lhes os melhores e mais sinceros votos de felicidade na nova vida que a partir de amanhã iniciam. Que seja esplendente de sol essa nova alvorada! Atapetada de flores o novo caminho a trilhar e quando a noite da incerteza pretender envolver as vossas vidas, que olhando para o céu possais sempre divisar o brilho de uma estrela! Tenho dito. (Aplausos prolongados)

Gertrudes - Obrigada, professor Pompilio. Muito obrigada. As suas palavras me comoveram profundamente.



Pompilio - Foram palavras simples, dona Gertrudes, mas muito sinceras.

Uma voz - Senhor Professor, deixe-me abraçá-lo.

Pompilio - Oh senhor, Diretor, quanta honra para mim. Muito obrigado. Bem, vamos dar início à hora de arte porque já se faz tarde e depois não haverá tempo para apresentar-se todos os números. Jorge, é você que dará início ao programa.

Jorge - Sim, professor Pompilio. Eu estou pronto.

Pompilio - Vou anunciá-lo. (alto) Minhas senhoras e meus senhores. Os educandos que se retiram amanhã desta casa, farão, em despedida, uma pequena hora de arte. É uma demonstração do que conseguiram aprender aqui e, ao mesmo tempo uma homenagem à Congregação e à nova Diretora deste Educandário. Abrindo o programa, o educando Jorge Verdier cantará, com o acompanhamento da Orquestra do Educandário, a Valsa da Despedida. (Palmas)

*Jorge -*

*Senhor Diretor. Quero que me acompanhe.*

(OUVE-SE AQUI O DISCO "A VALSA DA DESPEDIDA" CANTADA POR VOZ MASCULINA, EM ACOMPANHAMENTO DE ORQUESTRA) (AO TERMINAR - APLAUSOS)

Jorge - Foi bem, professor? Eu estava tão emocionado que nem sei.

Pompilio - Foi bem, sim, foi bem.

Jorge - Professor... eu desejava falar-lhe um instante em particular. Quer me acompanhar à outra sala?

Pompilio - Agora? Não é possível, rapaz. Eu preciso apresentar os outros números.

Jorge - Agora, sim, professor. Desculpe se insisto, mas... eu partirei hoje ainda e é muito importante para mim o que desejo dizer-lhe.

Pompilio - Ora, ora, já se viu? Você não tinha outra hora para me falar? Logo agora que eu estou tão ocupado? Está bem, está bem, vá lá. Espere-me na outra sala que eu ~~vão~~ anunciar o número seguinte e irei lá ter com você.

(CORTINA MUSICAL)

(Fundo de música para toda a cena. De preferencia um sólo de violino com acompanhamento de piano. Musica bem melodiosa).

Pompilio - Vamos, vamos. Diga lá o que é que quer. Não tenho muito tempo a perder. Preciso estar no salão para ~~anunciar~~ apresentar o número a seguir.

Jorge - Desculpe, professor Pompilio, bem sei que foi uma imprudencia minha tirá-lo do salão, mas eu não poderia depois...

Pompilio - Bem, bem, deixe-se de desculpas e diga logo o que quer. Que mania têm todos vocês de usar sempre de rodeios para dizer as coisas. Digam logo e está acabado, em vez de ficar aí a pedir desculpas e dar explicações. Vamos, ande, fale, o que é que está esperando?

Jorge - Estou esperando que o senhor termine para poder falar, professor.

Pompilio - Pois se eu já terminei porque já não falou?

Jorge - É o seguinte, professor: eu gosto da Leonor. Gosto não. Gosto é pouco. Eu amo loucamente a Leonor. Amo-a e desejo casar-me com ela um dia.

Pompilio - Está bem, está muito bem, mas o que é que eu tenho que ver com isto?

Jorge - Eu preciso do senhor e o senhor vai me auxiliar.

Pompilio - O que?! Meter-me eu de mexeriqueiro nos namoros de vocês? Só se eu não tivesse mais nada para fazer.

Jorge - Não, professor, Pompilio, o senhor terá que ajudar-me, sim. A mais ninguém poderei eu pedir semelhante auxílio.



- Pompilio - É porque achas que justamente eu é que deverei meter-me em semelhante complicação? Porque? O que tem a minha cara de diferente das outras que justamente a mim é que fôste escolher?
- Jorge - É porque foi justamente o senhor o culpado de eu a ter conhecido e convivido com ela nas suas aulas de musica.
- Pompilio - O culpado?! Ah então tu achas que eu ainda sou culpado de alguma coisa? Sim senhor! Veja só! Culpado eu!
- Jorge - Culpado, sim, eu lhe explico porque.
- Pompilio - Ah! E ainda insistes em afirmar?
- Jorge - O senhor bem sabe que a vida dos rapazes e das meninas, neste Educandário, foi sempre em separado. Que apenas nos avistávamos de longe, no pátio uma ou duas vezes por ano em ceremonias como a de hoje. Pois bem, o senhor, nas suas aulas de canto, fez questão de organizar um corpo coral mixto e bateu-se longamente pela ideia, chegando finalmente a concretizá-la. Eu fazia parte do coro. Ela também. Era nas suas aulas que nos encontravamos, trocávamos de olhares de afeto, a principio, e por fim bilhetinhos amorosos!
- Pompilio - Ah?! O que? bilhetinhos amorosos? Nas minhas aulas de musica? E eu a pensar que a minha vigilancia não daria lugar a nada disto! Que tolo que fui, hein? Como vocês me enganoparam serenamente apesar dos meus óculos de aumento. Como devem ter rido do velho Pompilio!...
- Jorge - Não, professor, nada disto. Eramos gratos ao senhor que nos proporcionava, duas vezes por semana, ocasião de ver-nos e...
- Pompilio - ... e trocarem bilhetinhos. Proporcionava coisa nenhuma! Não proporcionava nada. Vocês é que me faziam de bêbo e me levavam no embrulho. Ah que se eu tivesse sabido naquela ocasião!...
- Jorge - Bem, professor, o que eu desejava do senhor era o seguinte: que me proporcionasse um meio de falar com Leonor antes de partir. Quero pedir-lhe que espere por mim porque voltarei para casar com ela.
- Pompilio - Você está louco? Está maluco? Aposto que andou bebendo por aí. Ora veja só! Eu proporcionar encontro entre namorados!... Tem graça! Como se ainda não bastasse todo o tempo em que me fizeram de bêbo! Não, nada disso. Tire essa ideia da cabeça.
- Jorge - É, fui infeliz na escolha do padrinho! Enganei-me. Pensei que dentro dessa capa de neurastenia e de ranzinice houvesse escondido um coração. Encontrei apenas um pedaço de pedra. Eu deveria logo ter imaginado isto. O senhor, um solteirão... um homem que nunca amou, com certeza, que nunca sentiu os eflúvios do amor, não poderia sequer imaginar o que possa ser a angústia de um coração apaixonado em vésperas de se separar de outro que lhe corresponde e que é toda a sua alegria, toda a sua esperança, toda a sua vida enfim!... (Pausa) Desculpe se o incoimei, professor Pompilio, roubando-lhe tanto do seu precioso tempo. (Passos que se afastam)
- Pompilio - Venha cá. (Passos que se aproximam) Tome esta chave. Vá para a sala de música e espere lá.
- Jorge - (comovido) Professor Pompilio! Quanto lhe agradeço! Desculpe as coisas desagradáveis que lhe disse, sim? Eu fiquei desesperado... exaltei-me..
- Pompilio - Compreendo, rapaz, compreendo. Apesar de ser um velho solteirão eu compreendo melhor do que você pensa. Vá. Vá para a sala de musica e espere. (Passos que se afastam) Si eu tivesse tido, ao meu tempo, alguém que me auxiliasse, talvez não vivesse hoje em tão completa solidão!
- Anúncios - (CORTINA MUSICAL) fim 1º Volume*
- Leonor - (levando um susto) Jorge! Você aqui?
- Jorge - Eu, sim, Leonor. Precisava falar-te e foi a única maneira que encontrei. Pedi ao professor Pompilio que me auxiliasse.



- Leonor - Comfi... Então ele sabia?
- Jorge - Sim, foi ele que me deu a chave da sala, prometendo mandar-te aqui.
- Leonor - Eu bem que extranhei a tua ausencia do salão. Estava justamente a pensar onde te terias metido quando o professor Pompílio chegou e me pediu para vir aqui buscar uma partitura. Longe estava de imaginar que viria a encontrar-te aqui.
- Jorge - Precisava falar-te. Não poderia partir sem dizer-te adeus.
- Leonor - Vaes para muito longe?
- Jorge - Um pouco, a.m. Quási um dia inteiro de viagem. E não poderei escrever-te. Uma carta de amor jamais chegaria às tuas mãos dentro desta casa. Quero, portanto, fazer-te um pedido.
- Leonor - Fala.
- Jorge - Quero que esperes por mim. Tens dois anos, ainda, para completar o teu curso. Nesse espaço de tempo trabalharei com o máximo do meu esforço e da minha energia e ao fim ~~destruções~~ hei de ter conseguido as economias que me permitirão montar nossa casa. Nessa ocasião então virei buscar-te. Prometes que me serás fiel?
- Leonor - Jorge: nunca em meu peito houve lugar para afeto maior do que o que te dedico. Juro-te que esperarei por ti e alimento a esperança de que havemos de ser muito felizes no futuro.
- Jorge - Muito felizes, sim. Numa casinha modesta mas onde não faltará o encanto do amor nem perfume da fé. E agora, deixa que te beije. Um beijo que será o primeiro e último até que nos tornemos a encontrar. Porque tremes assim? Estás com medo?
- Leonor - Não, Jorge, não é medo. É emoção!... Sonhei tanto com este instante... e agora que ele se me apresenta... movida não sei porque força estranha sinto vontade de correr... de fugir para longe de ti.
- Jorge - Compreendo, querida. É a primeira vez, que em realidade, vais dar a alguém o teu beijo de amor. (Pausa. Beijo. Pausa) Espera-me, Leonor. Eu voltarei um dia. E então hei de dar-te muitos, muitos outros beijos!
- Leonor - (quasi sem voz) Eu te esperarei, Jorge.
- Jorge - Tens aqui uma lembrança que preparei para ti.
- Leonor - Um canivete?
- Jorge - Sim. Um canivete que me acompanhou desde a minha infância. Pertenceu a meu Pai e foi a única coisa que me tocou pela sua morte. Tinha eu, então cinco anos de idade. Afeiçoei-me de tal forma a este objeto que não encontrei nada melhor para deixar em tuas mãos como lembrança minha.
- Leonor - Ha qualquer coisa gravada no cabo. (lendo) "Não te esqueças de mim".
- Jorge - Foram palavras que eu mesmo gravei desde o instante em que deliberei deixá-lo contigo. Deixo-te com ele a minh'alma e uma súplica. "Não te esqueças de mim".
- Leonor - Não, Jorge. Hei de lembrar-te sempre, sempre!...
- Jorge - Leonor, minha querida Leonor: adeus!...
- Leonor - Adeus, Jorge. Adeus amor!...

(CORTINA MUSICAL)

- Gertrudes - Às suas ordens, minha senhora.
- Flora - Chamo-me Flóra Cibila Vitemberg. Viuva, rica e sem filhos. Sem parentes chegados, também. Sinto-me só, inteiramente só.



- Gertrudes - Compreendo, minha senhora. Compreendo perfeitamente.
- Flora - A minha fortuna, embora seja eu quasi uma velha, me proporcionaria facilmente um outro companheiro de existencia, entretanto eu não suportaria viver ao lado de um homem, sabendo que não o ligava a mim outro sentimento que não fôsse o interesse. É por amor eu já não poderia pensar em casar-me. Pensei então que o mais acertado seria procurar uma dessas meninas sem lar e sem familia e adotá-la.
- Gertrudes - Uma ótima ideia, minha senhora, e uma grande caridade ao mesmo tempo.
- Flora - Lembrei-me de procurar neste educandário alguma que estivesse em condições de ser ao mesmo tempo uma filha e uma companheira.
- Gertrudes - Temos diversas. Agora a dificuldade consiste exatamente na escolha. Só permitimos a saída desta casa às educandas maiores de dezesseis anos e como estas justamente são as que se encontram com o seu curso quasi completo, elas preferem sempre terminá-lo e poder trabalhar depois por sua propria conta a aceitar a tutela de alguém que elas não conhecem e com quem estariam sujeitas a não se ligar bem.
- Flora - É justo o receio e natural a preferencia.
- Gertrudes - Ainda por ocasião da formatura da última turma de educandas, foram desligadas desta casa dezesseis moças. Duas formadas em comercio, cinco costureiras, Trez bordadeiras, uma desenhista, uma com o curso de piano, teoria e solfejo e quatro datilógrafas. Estão todas colocadas. Dias antes de serem desligadas, apareceu aqui um casal pretendendo adotar uma delas. Foi uma luta inútil procurar convencer alguma. Não houve uma só que aceitasse a proposta. Poderemos tentar novamente, entretanto. A senhora tem preferencia por alguma que tenha esta ou aquela especialidade?
- Flora - Gosto muito de música. Alguma que soubesse tocar ou cantar razoavelmente, seria para mim a companheira ideal.
- Gertrudes - Alguma que soubesse cantar ou tocar razoavelmente?... Vejamos... Temos uma, sim. Uma que faz ambas as coisas com muita propriedade. A Leonor. Uma menina de dezesseis anos e meio.
- Flora - Eu poderia vê-la?
- Gertrudes - Pois não. Vou mandar chamá-la. (Sineta de chamada) A Leonor é uma boa menina. (Passos que se aproximam) Se lograssemos convencê-la a senhora ficaria muito bem servida. Ignez, diga à Leonor para vir aqui à Secretaria. (Passos que se afastam) Tem um gênio muito bom, uma maneira muito bonita de expressar-se e ao mesmo tempo é uma menina bastante inteligente.
- Flora - Fale a senhora então. Diga-lhe que não a quero para empregada e sim para companheira. Que lhe darei bons vestidos, boas distrações e que viajará sempre comigo.
- Gertrudes - E a senhora reside aqui mesmo na cidade?
- Flora - Não. Em Caçapava. Duas horas de trem. Tenho lá uma propriedade que meu marido apreciava muito e por isto deliberei fixar ali a minha residência. Mas não paro lá muito tempo. Gasto a maior parte ~~do~~ de ~~le~~ em viagens. (Passos que se aproximam) Aborreço-me de estar sempre só.
- Leonor - (de uma certa distancia) A senhora chamou, dona Gertrudes?
- Gertrudes - Sim, Leonor. Aproxime-se. (Passos) Apresento-lhe aqui a senhora...
- Flora - Flóra Cibíla Vitemberg.
- Leonor - Muito prazer. Leonor Albérti.
- Gertrudes - Sente-se um momento, Leonor, que preciso falar-lhe.
- Leonor - Com sua licença, dona Gertrudes.



- Gertrudes - (após uma pausa) Leonor: Esta senhora procura uma pessoa para acompanhá-la sempre. É rica, tem várias propriedades, viaja muito, não tem filhos nem parentes próximos e sente-se muito só. Gosta de música e teria prazer em que você fosse morar na sua companhia. Não lhe daria nenhuma ocupação doméstica.
- Flora - Absolutamente. Você seria como uma filha em minha casa.
- Gertrudes - Andaria bem vestida, frequentaria a melhor sociedade e poderia, se quisesse, continuar, fora, os seus estudos de música.
- Flora - Naturalmente. Teria até o cuidado de contratar para isto os melhores professores.
- Gertrudes - Não quero que você pense que temos empenho em que se retire antes que tenha atingido os dezoito anos ou completado aqui o seu curso, entretanto, como me parece que a situação que esta senhora oferece à moça que se dispuser a acompanhá-la, é realmente uma situação muito vantajosa, também não seria lícito que deixasse de consultá-la. A proposta está feita e você poderá resolver livremente se a aceita ou recusa.
- Flora - Pense bem antes de responder. A minha intenção juro-lhe que é das melhores e se você se revelar a companheira boa que necessito, jamais se arrependerá.
- Gertrudes - (após uma pausa) O que resolve, Leonor?
- Leonor - Não sei, dona Gertrudes... a proposta me apanhou tão de surpresa... Estou tão indecisa... Confesso-lhe que já tinha preparado todos os meus planos de futuro e habituárá-me à ideia de realizá-los... Agora... de um momento para o outro... modificar completamente a minha vida... Não sei... Sinto-me tentada a aceitar a proposta, sim, mas por outro lado assalta-me a dúvida se estará nesse outro caminho a minha felicidade.
- Gertrudes - A nossa felicidade está sempre conosco, minha filha. Está no segredo de nos habituarmos aos momentos que vivemos, aceitando-os com satisfação se forem alegres e resignadamente se forem tristes. Recebendo sempre a alegria como uma dádiva do céu e a tristeza como uma advertência de que tudo passa e tudo se modifica. Na maior das nossas dores, olhando para trás, encontramos sempre uma dor maior e se nos momentos de angústia tivermos a calma necessária de voltar a cabeça e olhar atrás, nos sentiremos, no mesmo ~~momento~~<sup>instante</sup>, menos infelizes.
- Flora - O que resolve Leonor? (Pausa) Venha comigo. Os seus olhos me dizem que você é boa e juro-lhe que nunca se arrependerá.
- Gertrudes - Vamos, Leonor. Decida.
- Leonor - Está bem, dona Gertrudes. Eu vou.

(CORTINA MUSICAL)

(fundo de trem em movimento para toda a cena)

- Jorge - Vai para muito longe o senhor?
- Viajante - Mais trez horas de viagem. Cumpri apenas a metade da jornada. São justamente seis horas da estação onde embarquei até o destino que levo.
- Jorge - Eu ainda vou além. Segundo me disse o chefe do trem só deverei chegar ao cair da noite.
- Viajante - Para onde vai o senhor?
- Jorge - Para Bananeiras. Bem ao norte do Estado.
- Viajante - É viajante também?
- Jorge - Não senhor. É a primeira vez que viajo.



- Viajante \* Ahn!... Por isto mostra-se tão bem disposto. Todo o caminho é novo para o senhor e distrai-se. Para mim, que já o percorri centenas de vezes, ele é profundamente monótono e fatigante.
- Jorge - Não sei, mas... tenho a impressão de que poderia viajar sempre e nunca me aborreceria.
- Viajante - É a mesma impressão que todos nós temos quando começamos. Havia de aborrecer-se muito mais depressa do que supõe.
- Jorge - É, pôde ser.
- Viajante - O que vai fazer em Bananais? Trabalhar?
- Jorge - Sim. Completei meu curso de eletricista recentemente e o Educandário onde me formei arranjou-me um lugar nas Novas Usinas Reunidas. Creio que ficarei por lá uns dois anos.
- Viajante - Pôde ser. Não quero desanimá-lo mas o lugar é tristíssimo. Nem um cinema ha por lá.
- Jorge - Não tem importancia. Só tenho em mira um desejo que é economisar para fazer um fundo de reserva. Uma vez que tenha conseguido o meu intento, voltarei.
- Viajante - Bem, se esse é o seu objetivo não podia escolher melhor lugar. Dizem que as Usinas pagam razoavelmente e ainda que não se leve a intenção de economisar, falta onde se gastar o dinheiro.
- Jorge - É isto justamente o que me serve. Quero ver se daqui a dois anos posso montar minha casa e ...
- Viajante - E casar-se com a menina que ama, não é isto? É o justissimo anccio de todos os jovens. Sei, porque tambem já passei por essa fáze.
- Jorge - e conseguiu realizar o seu sonho?
- Viajante - Com outra, sim. A primeira, a que fez nascer em mim o desejo de ser rico, não teve paciencia de me esperar. Mezes depois de nos termos se parado casava-se com outro.
- Jorge - Porque não pediu a ela um juramento sagrado de que o esperaria?
- Viajante - Porque tinha a certeza de que ele seria esquecido no momento em que aparecesse um outro em condições de casar-se logo. (Pausa) Ficou pensativo porque? Tem medo que lhe aconteça a mesma coisa?
- Jorge - Não senhor. Eu sei que nem todas as mulheres são iguais. E depois, aquela a quem dei meu coração estará por dois anos ainda num Educandário onde não ha convívio direto com outros rapazes.
- Viajante - Bem, se assim é, não ha razão alguma para que se preocupe. Escreva se guido para que ela não o esqueça e tudo estará garantido.
- Jorge - Tentarei fazer isto mas duvido muito que/ no Educandário uma carta de amor chegue às suas mãos. A correspondencia é toda censurada pela Diretora.
- Viajante - Escreva-lhe como amigo, como colega... Uma carta assim não haverá razão para que seja vetada e ela ha de compreender, nas entrelinhas e nas re ticencias, tudo que você teve vontade de dizer e não disse por conveniencia.
- Jorge - Exatamente. Deu-me uma ótima sugestão. Escreverei como colega e amigo e ainda que não me responda, escreverei sempre.
- Viajante - Quer vir comigo ao carro restaurant para tomar uma cerveja?
- Jorge - Não senhor, muito obrigado.
- Viajante - Bem... eu vou até lá, então. Com licença.



Jorge - Pois não. (Passos que se afastam) (Pensativo) " A primeira, a que fez nascer em mim o desejo de ser rico, não teve paciência de me esperar". Se me acontecesse o mesmo, meu Deus!... Não, não acredito. A Leonor não é dessas.

*Fimuncio só aqui*  
(CORTINA MUSICAL)

- Pompilio - Não é direito, dona Gertrudes, não é direito não senhora.
- Gertrudes- Óra, professor Pompilio, eu sei perfeitamente o que faço.
- Pompilio - Desculpe a franqueza, dona Gertrudes, mas não parece. Amparada em que, abre a senhora uma carta para a menina Leonor?
- Gertrudes- O senhor bem sabe que carta alguma é entregue ao destinatário, dentro desta casa, sem que seja passada em censura pela diretora.
- Pompilio - Mas Leonor já não é mais uma interna do Educandário. A senhora, portanto avançou demais nas suas atribuições.
- Gertrudes- E porque motivo toma o senhor tão a peito a questão, quando ela nem si quer sabe da existencia desta carta? Quando ela nem si quer chegará a recebê-la porque ninguém sabe onde ela está presentemente?
- Pompilio - Porque para mim o que se me afigura incorreto é o gesto de abrir uma carta de outrem e pouco importam as circunstancias que a senhora apresenta porque eu não as levo em consideração. Elas em nada suavizam a incorreção.
- Gertrudes- O senhor sempre foi assim, professor Pompilio. Em quasi quarenta anos que trabalhamos juntos parece-me que nunca lhe vi fazer outra coisa sinão reclamar e aborrecer-se com tudo. Permita a minha franqueza já que foi tão franco comigo. O senhor não soube envelhecer. É o velno mais impaciente e mais ranzinza que tenho conhecido em toda a minha vida.
- Pompilio - Seja, dona Gertrudes. Seja, se quizer. Mas de uma coisa eu me orgulho: aponte-me uma falta e uma incorreção em todo este tempo. (Pausa) Não encontra e nem encontrará nunca. Cem anos que eu viva ainda. É este o meu pergaminho, senhora dona Gertrudes.
- Gertrudes- Bem, professor Pompilio, ponhamos fim a uma discussão inútil. A carta está aberta, já foi lida, não ha mais remedio.
- Pompilio - E o que pretende fazer dela, se me permite a pergunta?
- Gertrudes- Queimá-la. Não sei mais o destino que Leonor tenha levado.
- Pompilio - Não faça isto. Entregue-m'a, ao menos. Penso, para a semana, tirar uns dias de licença e então farei a extravagancia de chegar até Caçapava. Lá procurarei saber algo de Leonor. Se conseguir avistá-la entregarei-lhe a carta.
- Gertrudes- Pois bem, se assim é, aí a tem.

(CORTINA MUSICAL)

- Flora - Tive um grande prazer em receber a sua visita, professor Pompilio, mas esta carta não chegará ás mãos de Leonor, depois do que o senhor me disse.
- Pompilio - Óra esta, minha senhora. Não vejo razão alguma para isto. Jorge é um ótimo rapaz.
- Flora - Não é o casamento que desejo para Leonor. É pena que não a visse agora para convencer-se disto. Está outra. Nem parece a mesma. Elegante, bonita, enfim uma verdadeira moça de sociedade. Se pudesse ficar em Caçapava até amanhã á tarde, poderia comprovar o que lhe digo. Até á hora do almoço ela deverá ter regressado desse passeio á fazenda da Senhora Colber.



- Pompilio - Não posso ficar, mas se não vou encontrar nela a mesma menina que ha cinco mezes atraz deixou o Educandário dos Desamparados, ~~XXXXXX~~ acredite que não terei o menor pezar de regressar sem vê-la.
- Flora - Se lhe quer tanto bem quanto diz, teria que voltar contente vendo-a assim tão feliz como está. E ela bem merece a felicidade que possui. É uma ótima creatura!... Foi Deus que me conduziu ao Educandário para buscá-la naquele dia.
- Pompilio - É, pôde ser. Dizem que ele faz tanta coisa errada...
- Flora - Errada? Então premiar a bondade de uma creatura é proceder de maneira errada?
- Pompilia - Ouça, dona Flora. Fala por mim a voz da experiencia. Quem nasceu para dez reis não chega a ser vintem. Quem nasceu de origem modesta como Leonor, modesta deve viver a vida toda ou então estará arriscada a de parar, a cada momento, com problemas e conflitos insolúveis até mesmo pelas maiores fortunas do mundo. E esses problemas e esses conflitos poderão perfeitamente vir a criar nela um complexo que se tornará, mais tarde, o fantasma da sua felicidade. E agora que já externei tu do que sinto, peço-lhe desculpas da massada e retiro-me. A carta fica em suas mãos. As minhas estão lavadas. Faça o que quiser e passe muito bem.
- Flora - Passe bem. O que vou fazer já está deliberado. Vou queimá-la.

(CORTINA MUSICAL)

- Leonor - Acha que está bem esta flor nos cabelos, madrinha?
- Flora - Muito bem, minha filha. Estás encantadora. (Canto de pássaros até o fim da cena) Creio que hoje ele será obrigado a declarar-se.
- Leonor - Acha que deverei recebê-lo aqui mesmo no jardim?
- Flora - Sim, é mais poético. A tarde está tão linda!... Veja os pássaros como cantam.
- Leonor - A senhora ficará aqui comigo, não é verdade?
- Flora - Eu minha filha? Óra esta para que? Para atrapalhar-te? Não, minha filha, absolutamente. Quando ele abrir o portão do jardim eu disfarçadamente levanto-me e vou para dentro. Vocês fiquem aqui conversando. Mais tarde, farei a Belmira trazer-lhes o chá.
- Leonor - Tudo isto me parece um sonho, madrinha. Tenho às vezes a impressão que de um momento para o outro acordarei e todo este cenário maravilhoso desaparecerá da frente dos meus olhos.
- Flora - Tólice. Terás ainda muito mais. Has de ver.
- Leonor - Madrinha, madrinha, Walter vem chegando.
- Flora - Bem, eu me retiro, então. Finge, por óra, que não te apercebes da sua chegada. Adeus e felicidades.
- Leonor - O que farei até que ele se aproxime? Se ao menos eu tivesse qualquer coisa nas mãos para disfarçar... Ficarei cantarolando, quem sabe?  
• (Pausa) Não, não encontro o que cantar. E ele já vem tão perto! O melhor é fingir-me distraída.
- Walter - (A meia voz, terno) Sonhando? (um gritinho desageitado e forçado de Leonor) Perdão, assustei-a.
- Leonor - Não, não. É que eu estava tão distraída... Não senti quando você se aproximou... Sente-se, por favor.
- Walter - Se quizesse chegar um pouco mais para o <sup>postos</sup> lado do banco eu me sentaria ao seu lado. (Pausa) Assim. A tarde está belíssima, não lhe parece?



- Leonor - Está, sim. Era justamente o que a madrinha acabava de dizer, ha pouco.
- Walter - Suas mãos estão frias! Porque? Está nervosa?
- Leonor - Não. Eu tenho sempre as mãos assim.
- Walter - São dois lírios de cinco pétalas muito longas e muito brancas, as suas mãos! Perfumadas, também. Tenho a impressão, aoá afagá-las, de que te<sup>no</sup> entre as minhas dois pedaços de seda. Leonor; ouça a confissão que dia a dia venho protelando mas que meu peito já não pôde mais conter: Amo-a com o melhor e mais puro amor deste mundo. Você, sem saber, tal vez, entrou despóticamente em minha vida, dominando-a por inteiro, avas salando-a, por assim dizer. Tornou-se o objetivo de todos os meus sonhos e o motivo de todas as minhas incertezas. Incertezas, sim, porque se as vezes os meus olhos sequiosos recolhem dos seus a esmola de alguns re flexos de carinho, outras vezes, ou melhor, quasi sempre, eles se mo<sup>stram</sup> distraídos, indiferentes, glaciais até. O que eu daria, meu Deus, para ter a certeza de que você não é indiferente a tanto amor!... (Pausa) Leonor, fale. O seu silencio é uma tortura que mortifica. Fale. Pre Firo que fale ainda que seja para desenganar-me.

Leonor - Walter, eu... eu quizera poder dizer também a você tudo o que sinto, mas... eu não sei... as palavras me faltam... eu me sinto assim como que aturdida... tonta... procuro as palavras mas elas me fôgem... é que o meu pensamento parece que corre vertiginosamente... como ródas sem governo numa estrada lisa, em declive.

Walter - Não ha necessidade de que você componha frases nem de que as suas pala vras acompanhem a corrida vertiginosa dos seus pensamentos. Responda simplesmente sim ou não. (Pausa) Vamos, não prolongue por mais tempo a minha angústia.

Leonor - (após uma pausa) Walter... sim!

Walter - Leonor!... Minha encantadora e querida Leonor!... Como a vida ha de ser bôa para nós de hoje em deante!... Tudo será lindo aos nossos olhos por que a tudo olharemos com as lentes coloridas da fantasia que o amor nos empresta. Haverá sempre sol nas nossas alvoradas e á noite haverá sem pre estrelas no céu!...

- ANÚNCIOS - (CORTINA MUSICAL) *Fim de 2º Volume* -

- Helena - Meu filho, senta-te aí para conversar comigo. Tenho uma revelação muito importante a fazer-te.
- Walter - Uma revelação, minha mãe? A proposito de que? Estou bastante curioso.
- Helena - A propóósito de tua noiva.
- Walter - De Leonor? Fale então, mamãe. Diga logo.
- Helena - Sabes quem ela é? A que familia pertence?
- Walter - Porque?
- Helena - Porque tive informações da sua origem. Modestissima. Moça de pais des conhecidos, criada e educada num Asilo. De lá dona Flora retirou-a já moça.
- Walter - Sim, e o que tem isso?
- Helena - Óra, meu filho, o que tem isso!... Casar com uma creatura de quem não se conhece a origem é sempre uma arriscada muito grande.
- Walter - Ouve, mamãe: queres que eu te fale com toda a sinceridade? Não me interessa a origem de Leonor. Tanto faz para mim que ela seja filha de um duque como de um mendigo. O essencial, o mais importante de tudo na ques tão, é que ela acaba de ser perfilhada por dona Flora Cibila Vitemberg e dona Flora Cibila Vitemberg representa uma fortuna bem apreciavel.
- Helena - Ah bom, esta particularidade eu desconhecia. Então está muito bem, meu filho.

(CORTINA MUSICAL)



(Sinos repicando - Marcha nupcial, forte a principio e fazendo depois fundo para toda a cena)

Flora - (meia voz) Enfim, minha filha, vejo-te casada com o homem que eu de sejei que fôsse teu marido. Has de ser muito feliz, tu verás.

Leonor - Que os anjos digam Amen, minha bôa madrinha. (beijo) Está de joelhos deante da senhora a minh'alma agradecida.

Flora - Tu mereces, querida, tudo o que fiz. Não me agradeças. (beijo)

Helena - Meu filho: acho que não preciso te dizer nada. Sabes bem tudo o que te desejo.

Walter - Sei mamãe. (beijo) Agora deixa-me abraçar a "minha esposa". Querida: neste momento se concretiza todo o meu anseio de felicidade!... (beijos) Seremos sempre felizes!...

Leonor - Assim o espero, Walter.

(Voltam os sinos a repicar, tocando novamente forte a marcha nupcial)

(CORTINA MUSICAL)

Leonor - Sente-se um pouco melhor agora, madrinha?

Flora - Um pouquinho, sim... Os olhos... é que parece... que vão a pouco e pouco perdendo a visão das coisas...

Leonor - É fraqueza, madrinha. Isto passa. Veja se consegue dormir um pouco para descansar. Tantas noites em claro, as suas energias devem estar exgotadas.

Flora - Minha filha... eu vou fechar os olhos... dentro em pouco... para não abri-los... nunca mais...

Leonor - Ôra, madrinha, porque persiste nessa ideia triste? A senhora viverá. A senhora ficará bôa.

Flora - Bem quizera viver... até que nascesse o teu filho, ao menos... Infelizmente, porem... não chegarei a conhecê-lo... Quero dar-te um conselho, minha querida... zêla pela fortuna que te deixo... para que teu filho... no futuro... esteja a coberto de qualquer privação...

Leonor - Madrinha!... Madrinha!... O que tem? O que está sentindo? (alarmada, gritando) Walter! Walter!... A madrinha!... Um medico, depressa!...

(CORTINA MUSICAL)

Helena - Oh meu filho, graças a Deus que você chegou. É inconcebível que ao menos neste momento você não estivesse ao lado dela!

Walter - Eu não podia me afastar do escritório, minha mãe. Tinha negocios muito importantes a resolver.

Helena - Eu sei bem dos teus negocios importantes. Telefonei várias vezes para lá e tu não estavas. Sei que não amas tua mulher mas pelo menos devias guardar as aparencias. Devias lembrar-te que graças a ela desfrutamos uma vida como nunca tivemos.

Walter - Está bem, mamãe, farei empenho em modificar um pouco as aparencias. Correu tudo bem?

Helena - Tudo muito bem, felizmente. (Choro de criança na peça ao lado) É uma ~~me~~ ninezinha. Vamos, vem conhecer a tua filha. *O teu filho.*

(CORTINA MUSICAL)

Pompilio - Meu caro Jorge!... Que alegria tornar a ver-te depois de tanto tempo! Quatro anos, talvez?



Jorge - Sim. Quási quatro anos.

Pompilio - Demoraste então muito mais do que esperavas. ~~Disseste-me~~ Disseste-me, ao partir, que dentro de dois anos estarias de volta.

Jorge - Sim, extamente, mas fiz um negocio por empreitada que me deu muito bom dinheiro mas enganou-me horrorosamente no tempo que pensei de concluí-lo. Foi esta a razão porque demorei tanto. Não podia abandoná-lo em meio, a menos que me sujeitasse a grandes prejuizos.

Pompilio - Essas coisas acontecem a todos. Se a gente pudesse prever com precisão tudo que o futuro nos reserva...

Jorge - Diga-me, professor Pompilio: o senhor não recebeu tres cartas que lhe escrevi neste meu período de ausencia?

Pompilio - Tres? Não... parece que tres eu não recebi. Lembro-me apenas de duas. Duas, sim. Recebi duas.

Jorge - E porque não respondeu ao menos uma? Tão desnorteado eu vivi todo esse tempo, lá longe, sem nenhuma noticia daqui...

Pompilio - Se eu tivesse podido responder-te uma teria respondido as tres porque justamente o que me impediu de respondê-las foi o assunto principal de qualquer uma delas. Querias noticias de Leonor e as noticias que eu ti nha para dartes...

Jorge - Fale, professor Pompilio. Diga tudo. Não me oculte nada.

Pompilio - Leonor já não mais se encontrava aqui desde a tua primeira carta.

Jorge - Para onde foi ela? Tanto que lhe mandei pedir que me comunicasse o seu endereço caso ela se afastasse daqui!... Vinha certo de encontrá-la.

Pompilio - Ela foi retirada do Educandário por uma senhora muito rica, residente em Caçapava. Depois casou...

Jorge - Casou?

Pompilio - A senhora morreu, deixou-lhe uma bela fortuna e ela agora tem um bebêzinho.

Jorge - Quero vê-la. Preciso falar-lhe. Onde a encontrarei, professor Pompilio?

Pompilio - Não sei. Creio que foi viajar para muito longe. Não percas o teu tempo em procurá-la. Esquece-a e trata de arranjar outra. Não te faltarão boas moças.

Jorge - E pensar que fiz tanto sacrificio para juntar dinheiro! E que juntei esse dinheiro para montar a nossa casa! Que trabalhei dia e noite incessantemente, enchendo de calos as mãos e de esperanças o coração!... Ela que jurára esperar por mim!... Quanta baixeza, professor Pompilio!... Como me dóe a inutilidade de uma luta tão grande!...

Pompilio - É a vida, meu caro Jorge!

Jorge - E acredite-se lá nas mulheres! Nos seus juramentos! Nas suas promessas de amor fingido! (gargalhadas desvairadas) Que tólo que eu fui!... Meu Deus como eu fui tólo!...

Pompilio - (após uma pausa, com profunda emoção) Meu filho: levante a cabeça e siga para frente. A vida não se resume apenas no nosso primeiro amor. Se assim fôsse... póbre humanidade!...

(CORFINA MUSICAL)

Walter - (zangado) Qual o motivo porque te negas a assinar essa escritura?

Leonor - Porque não tenho feito outra coisa nestes últimos seis meses sinão assinar escrituras de venda. Walter, lembra-te que temos um filho e precisamos garantir a sua educação.



Walter - E julgas, por acaso, que eu despreze essa ideia? Estás muito enganada. Sei perfeitamente que meu filho daqui a alguns anos precisará educar-se e que para educá-lo será necessário termos um fundo de reserva. Contudo não me parece razoável que possuindo você tantos bens negue-se a facilitar-me um capital que me é absolutamente necessário para a expansão dos meus negócios.

Leonor - Os tantos bens a que você se refere já estão reduzidos à metade. Quanto já lhe dei eu para a expansão dos seus negócios e eles não cessam nunca de se expandir?

Walter - Tenho sido infeliz das outras vezes e quem trabalha, como eu, no comércio, está sujeito a estas coisas. Desta vez, porém, afianço-te que o negócio é absolutamente garantido e que o capital que hoje empregarmos estará muitas vezes aumentado dentro de quatro ou cinco meses. (Pausa) Então? O que resolves?

Leonor - Não sei, Walter, tenho tanto medo! Vejo que a pouco e pouco os nossos haveres desaparecem. E depois se eu pudesse ao menos ter a certeza de que os empregos realmente nos negócios...

Walter - Como? Estás pretendendo insinuar que eu me aproveite do teu dinheiro para divertir-me e esbanjá-lo? Vê que me ofendes, Leonor.

Leonor - A tua conduta dos últimos tempos dá-me o direito de pensar assim.

Walter - Leonor, eu não admito que continues a alimentar uma ideia que é um ultrage. Nega-me, se quizeres, a tua assinatura mas não continues a arrastar-me tão baixo. (Passos que se afastam)

Leonor - Walter! (cessam os passos) Eu assinarei a escritura.

(CORTINA MUSICAL)

Eduardo - Mãe, quantos anos eu faço hoje?

Leonor - Sete meu filho. Não são sete as velinhas do bolo grande? Pois cada uma representa um ano da tua vida.

Eduardo - E quando é que nós vamos partir o bolo?

Leonor - Agora. Vamos tomar o chá e partir o bolo. Pódes apagar as velinhas se quizeres. (sete sopros destacados)

Eduardo - Pronto. Apaguei todas. Agora eu quero uma fatia bem grande e dois merengues também, sim mãe?

Leonor - Sim, meu filho.

Eduardo - Mãe, porque o papai não vem também para tomar chá conosco?

Leonor - Ele não vem nunca, meu filho. Está sempre ocupado com o trabalho.

Eduardo - Ah mas hoje é o dia do meu aniversário ele devia vir. (Pausa) Ele nem me trouxe um presente.

Leonor - Os sapatos que a mãe lhe deu foram comprados por ele também. É presente dos dois, meu filho.

Eduardo - E ele também não me abraçou. Porque?

Leonor - Naturalmente porque não se lembrou. Ele anda muito preocupado com os negócios. Logo à noite, quando ele chegar, você reclame o abraço que ele lhe dará. E agora vamos parar de conversar e tratar de tomar chá. Aí está a fatia de bolo e os dois merengues que você pediu.

Eduardo - Mãe, só mais uma pergunta: porque tu não convidaste outros meninos como as outras fazem?

Leonor - Porque os negócios do seu pai não andam bem. No ano que vem, se eles melhorarem eu farei uma festa bem bonita para você.

(CORTINA MUSICAL)



Walter - Não assinas, então?

Leonor - Não assino. É a última coisa que nos resta.

Walter - Abandono-te definitivamente se não assinas.

Leonor - Tu me abandonarás de qualquer forma. É questão de meses. Ao menos conservarei a casa para meu filho.

Walter - Leonor, não me exasperes. Assina esse papel ou irás te arrepender.

Leonor -- Não assino, já disse. Chega o que já roubaste a mim e ao teu filho.

Walter - (num grito de ameaça) Leonor!

Leonor - Não me atemorizam os teus gritos. Chega o que já roubaste, sim, repito, para atirar fóra com mulheres sem escrúpulo que te desprezavam mal o teu bolso começava a esvaziar. Julgas, por acaso que eu ignorava isto? Não. Eu estava a par de tudo. Se nunca te falei foi por um resto de de coro que tu não conseguiste destruir em mim.

Walter - Perderás a casa de qualquer jeito se não assinares a escritura. Os meus credores requererão a minha falência e se apossarão dela.

Leonor - Não faz mal. Prefiro entregar a eles em pagamento do que lhes deves do que entregá-la a ti para que te despeças das tuas pândegas ~~arrastando~~ dando-a a essas mulheres sem alma que envenenaram a minha tranquilidade em todos estes anos de casada.

Walter - Leonor, não sejas teimosa. Não me obrigues a violências. Assina esse papel. (Pausa) Vamos, não ouves? Assina esse papel.

Leonor - Não grites. Teu filho poderá ouvir e que juízo fará de ti depois? É preferível que ele ignore sempre a miséria moral a que chegaste.

Walter - Não me importo que ele ouça. Que todos ouçam. Assina esse papel, pela última vez eu te digo. Mato-te se te negas ainda uma vez. Olha para os meus olhos e vê que cumprirei a ameaça.

Leonor - É inacreditável que o senhor meu marido, de revolver em punho, obrigue-me a entregar-lhe a última casa que me resta. Pois bem, vou assinar a escritura mas saiba que não é o medo de morrer que me leva a proceder assim. É o amor de meu filho. Se eu morresse o que seria desta pobre criança com um pai desnaturalado da sua espécie? Sofreria horrores que nem quero me lembrar. Perto de mim, ao menos, enquanto me restar vida e força, hei de trabalhar para sustentá-lo.

Walter - Vamos acabar com isto. Assina duma vez este papel. (Ruido de assinar)

Leonor - Pronto. Afí o tens. Corre a buscar o dinheiro e levá-lo a quem te parecer mais digno do que a tua mulher e o teu filho. (Passos que se afastam) Meu Deus! É agora?!... O que será de meu filho, meu Deus?!... Tem piedade de mim!... (Soluços)

(CORTINA MUSICAL)

(Ruido de rua, businas de automovel, bondes em movimento, etc.)

Walter - São quatro horas. Tenho que apressar-me para chegar ao cartorio antes que feche. Necessito deste dinheiro hoje à noite.

(Violenta travada de automovel com um grito estridente e o ruido característico de um desastre).

Chauffeur-(Assustado e ofegante) Eu não tenho culpa. Ele se atravessou na minha frente.

(CORTINA MUSICAL)

Leonor - Meu filho querido: tenho uma noticia triste para dar-te. Precisas ter coragem e portar-te como um homenzinho.



- Eduardo - Já sei. Não podemos mais ir passar o domingo no campo, como havias me prometido.
- Leonor - Não, meu filho, não é isto. Trata-se de coisa muito mais séria. Trata-se de teu pai. Ele morreu num desastre de automovel.
- Eduardo - (choroso) O papai morreu? Que pena mamãe! (chorando) Nunca mais vou poder vê-lo.
- Leonor - Foi Deus que assim quiz, meu querido e temos que nos conformar. A mamãe também nunca mais vai vê-lo e não está chorando. Tu que és homem não deves chorar.
- Eduardo - (chorando) Sim, mamãe, eu não vou chorar mais. (contendo-se) Já não estou chorando, tu estás vendo? Um homem não chora não é mamãe? E eu sou homem não posso chorar.
- Leonor - Temos que nos conformar com a vontade de Deus. Ele sabe o que faz. Amanhã, meu filho, sairemos desta casa. Deixaremos esta cidade e iremos morar na mesma cidade onde a tua mamãe foi criada. Vais gostar de lá. Não é tão grande nem tão bonita como aqui, mas em compensação a vida é bem melhor.

(CORTINA MUSICAL)

(batidas na porta. Ruído de abrir.)

- Jorge - Foi daqui que pediram um electricista para a casa "eléctro-rápida?"
- Eduardo - Foi sim senhor. Tenha a bondade de entrar. (ruído de fechar porta) É aqui mesmo no contador da luz. Tem um defeito qualquer.
- Jorge - Vamos ver. (ruído de chave electrica duas ou tres vezes) Ah é muito simples. Foi pena que eu já não tivesse trazido a ferramenta porque então não precisaria voltar. Isto é, talvez que uma chave de parafuso possa solucionar.
- Eduardo - Chave de parafuso nós não temos.
- Jorge - Mas não é necessário. Uma faca ou um canivete resolverá bem o assunto.
- Eduardo - Canivete eu tenho um aqui que a mamãe me deu ha muito tempo. Veja se serve. (Pausa) O que foi?
- Jorge - "Não te esqueças de mim". Quem lhe deu este canivete, menino? Quem é a sua mãe? Onde está ela? Vá chamá-la depressa. (Passos que se afastam) "Não te esqueças de mim!" O canivete que eu dei a ela no dia em que nos separamos!... Tantos anos passados e eu ainda a amo com o mesmo fervor e a mesma intensidade!... (Passos que se aproximam) Ela!... A mesma Leonor!...
- Leonor - Boa tarde, senhor. O meu filho já lhe explicou... Jorge!... Jorge!... Tu Jorge? (chorando) Depois de tantos anos?!...
- Jorge - (quasi sem voz) Leonor!... Se soubesses o quanto sofri por tua causa!...
- Leonor - Perdôa-me!... Eu fui bem castigada!... Sofri tanto, tanto, que resolvi voltar à terra de onde partira, a procura de descanso e esquecimento!... Deus teve piedade de mim e o acaso trouxe-me outra vez ao meu encontro.
- Jorge - E desta vez para não mais nos separarmos.

*Fim do 3º Volume*

(Característica musical forte, baixando depois para falar o speaker)

- SPEAKER: - Ouviram "Não te esqueças de mim" um original de Roberto Lis para o Grande Teatro Difusora. "Não te esqueças de mim" teve a seguinte distribuição: (repete a distribuição da 1ª folha)

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA FINAL DO PROGRAMA)